

## Lendo na rua

Marcus André Vieira

[mav@litura.com.br](mailto:mav@litura.com.br)

[www.litura.com.br](http://www.litura.com.br)

Para citar esse texto, use a seguinte referência:

VIEIRA, M. A. Lendo na rua. *Opção lacaniana*, 74, São Paulo, EBP, nov. 2016, pp. \*13-15.

[Capa e índice](#)

Este texto comenta um dos parágrafos de “Função e Campo da fala e da linguagem na psicanálise”, de Jacques Lacan, na série de textos redigidos pelos psicanalistas da EBP a partir desta obra por ocasião dos cinquenta anos de seus *Escritos*. O autor destaca a importância dada por Lacan à presença do analista na cidade, condição exigida para que a singularidade do discurso do analisante possa ser reconhecida pelo analista.

Palavras-chave: Lacan, cidade, escritos, leitura, singularidade.

Reading in the street

This paper comments one paragraph of Lacan's text "The Function and Field of Speech and Language in Psychoanalysis" as one of the texts from the psychoanalysts of the EBP (*Escola Brasileira de Psicanálise*) in the fifth anniversary of the *Escritos*. It points out the importance given by Lacan of psychoanalyst's presence in the polis only way of being able to hear the singularity of the *analysant's* discourse.

Key-words: Lacan, polis, writing, reading, singularity

Aprendam, pois, qual é o sinal pelo qual vocês poderão se certificar de que eles [os mistificadores] estão errados. A psicanálise é fonte de verdade, mas também de sabedoria. E essa sabedoria tem um aspecto que nunca engana, desde que o homem começou a enfrentar seu destino. Toda sabedoria é um gaio saber. Ela se abre, subverte, canta, instrui e ri. Ela é toda linguagem. Alimentem-se de sua tradição, desde Rabelais até Hegel. Abram também os ouvidos para as canções populares, para os maravilhosos diálogos de rua... Neles vocês recolherão o estilo através do qual o humano se revela no homem, e o sentido da linguagem sem o qual nunca libertarão a fala.<sup>1</sup>

Desde minha primeira leitura deste parágrafo senti que o voto de Lacan, o de “não deixar ao leitor outra saída a não ser a entrada”, tinha se realizado plenamente.<sup>2</sup> Impossível largar estas frases!

Minha tentativa inicial de ler os *Escritos* foi, como provavelmente a de muitos, a mais pobre, do estudante-aluno, buscando uma visão panorâmica dos textos principais. Lia, sublinhava, anotava à margem e ao final podia quase me ouvir dizendo um “ufa, terminei”. Quando revejo minhas marcações dessas primeiras leituras me impressiona como não tenho hoje a menor ideia do que significam.

Felizmente, havia muitas passagens como essa, que volta e meia me tomavam e me faziam interromper a leitura, apenas para poder mergulhar em outro modo de ler. Com a cabeça erguida “lia” as frases que se mantinham no ar, reverberando, atravessando-me mesmo depois de atravessadas.

A psicanálise não é panorâmica, por que um texto de psicanálise o seria? Em cada sessão estamos diante de alguém e de seu universo próprio, tudo está ali “ao mesmo tempo agora”, como canta Arnaldo Antunes, mesmo se o analisante tenta nos apresentar uma fala mais ou menos articulada. Por isso, Lacan não tem medo de recheiar seu texto de noções variadas e nem todas articuladas, ou de reunir o mais simples e o mais complexo no mesmo ponto. Para frequentar Lacan é preciso, por trabalho próprio, extrair do prazer, ou gozo, do texto, o saber que sirva.

Mergulhei e voltei a mergulhar nesse parágrafo muitas vezes. Vou, provavelmente, continuar a fazê-lo. Quero apenas sintetizar três achados preciosos destacando, para isso, três termos do parágrafo: sabedoria, linguagem e riso.

Começo com um quarto termo. Ele não foi um achado, mas sim o grau zero da leitura, seu ponto de partida. Desde o início era claro o que me mobilizava no texto, a ideia de que a psicanálise não existe sem a *cidade*. É preciso, tanto como analisante quanto como analista estar metido no mundo e não observando-o, nos domingos da vida, para viver uma análise. “Abram seus ouvidos” diz Lacan, não só para a tradição filosófica, mas também para as “canções populares” e para os “maravilhosos diálogos de *rua*. Era

um tema caro para mim (ainda é) e foi uma felicidade constatar que ele encontrava esse eco em Lacan.

A ideia de que este modo de estar na rua era uma *sabedoria*, porém, me incomodava. O termo me lembrava Aristóteles e sua temperança, e uma leitura de Freud no *Mal-Estar...* nesse sentido, a de que devemos todos encontrar um equilíbrio entre as exigências da civilização e das pulsões. O incômodo se dissolveu quando pude ouvir o “Nada disso” de Lacan com relação a essa leitura. O meio-termo para ele é sempre *mediocritas*, meio medíocre. Por isso sua sabedoria “se abre, subverte, canta, instrui e ri”.

Chamar essa postura ética da psicanálise, uma ética não aristotélica, de sabedoria foi uma lição ainda por me lembrar que o analista não é um revolucionário, tampouco conservador, mas aquele que nos abre ao que em nós não é gravidade do sentido, mas a leveza do que não faz sentido. Não é o que indica a lista? Abrir, subverter, fazer cantar e instruir (a ser entendido mais como orientar que ensinar) não poderiam ser o que esperar de uma análise como espaço aberto à surpresa?

Em outro momento foi o termo *linguagem* que me perturbou. Tudo isso é feito de linguagem, certo. Já é muito lembrar a todos que até os afetos são linguagem. Há mais? Porque dizer “tout langage”? Li de outro modo a expressão quando vivi a certeza, na vida e na análise, de que a linguagem é mais do que os sentidos que nos transportam, mais do que a alegria da ressonância semântica, do eco de nossos sentimentos compartilhados, como no meu caso entre minha psicanálise na cidade e a de Lacan. A alegria do gaio saber de que fala Lacan é outra, ela é feita de uma vibração que passa pelo que é “pura linguagem”, que é seu estilo fundamental. Bastou ler “estilo” como *stylus*, traço. O gaio saber se articula ao que na linguagem é traço, fora do sentido, escrita.

Um sonho, por exemplo, pode ser pensado como um emaranhado, um novelo de linguagem que cinge um real. Trazido para a sessão, a fala associativa se expande a partir dele e o embebe no oral. A seguir, vem a interpretação que, freudiana, nada mais é do que decantar, a partir dessa operação, um fragmento de escrita, chamado por Freud *conteúdo latente*. Ele não estava lá, é uma reconstituição, uma extração, de algo que, no entanto, de certa forma estava lá, pois é o traçado da estrutura que na fala analisante impera. Essa extração vem sempre com um “a mais”, a libido que rodava na repetição incessante do conteúdo manifesto.<sup>3</sup>

Entendo assim o modo de escrita de Lacan, ele tenta reproduzir tanto a fala quanto a estrutura de escrita que desta fala se pode extrair para que cada um encontre seu texto próprio com o ganho vital que ele pode proporcionar.

Por isso mais tarde Lacan incluirá, na escrita (e apenas nela) de seu gaio saber não apenas a alegria dos trovadores, de Nietzsche, mas o isso freudiano (*gay sçavoir*). Pude entender porque este cedilha quando descobri

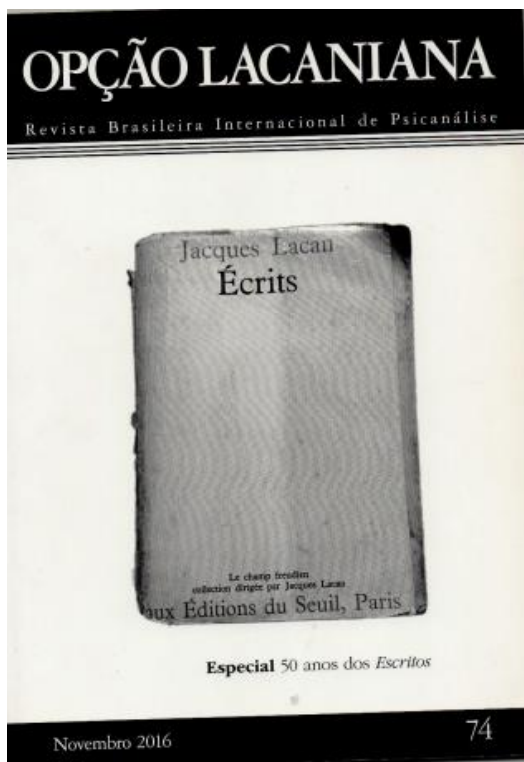
em minha vida a alegria do que não se “entende”, não se divide, mas se transmite, muitas vezes, sem explicação, como o *riso*.

É preciso ouvir, na rua, o que se escreve em nós do que se escuta sem se seja preciso entender grande coisa, sem se fixar nos sentimentos de todo dia, nas significações compartilhadas, mas sim se deixando guiar por aquilo que nas falas entreouvidas brilha, como um vaga-lume que risca na noite um “psiu de luz”.<sup>4</sup>

Voltando, então, à rua, uma verdadeira política da psicanálise está hoje, para mim, traçada nesse parágrafo. Ele reverbera o que é a linguagem quando é só letra e gozo, fora do sentido, quando a vida que carregamos nos leva adiante, sem porque, apenas por reluzir.

**O autor:**

Marcus André Vieira é psiquiatra e psicanalista da Escola Brasileira de Psicanálise, da qual foi diretor e presidente. É professor adjunto do Depto de Psicologia da PUC-Rio e coordenador da Associação Digai de atendimento psicanalítico na favela da Maré. Seu último livro: *Mães* (Rio de Janeiro, Subversos, 2015).



**OPÇÃO LACANIANA**  
ISSN 1519-3128

*Opção Lacaniana* é uma revista psicanalítica brasileira internacional  
Editada por Edições Eolia  
Rua Albuquerque Lins 902/212 01230-000  
São Paulo – SP – Brasil – Fax: (5511) 3826 9731

Colaboração: Fundação do Campo Freudiano e Associação Mundial de Psicanálise  
Acordos com "La Lettre Mensuelle" da École de la Cause freudienne

Integra a rede Sûkiet III que reúne ao lado de *Ornicar?* as seguintes publicações:  
*Clique*, Belo Horizonte; *Cadernos de Psicanálisis*, Bilbao;  
*El Psicanalista*, Madrid; *Freudiana*, Barcelona; *La Cause Freudienne*, Paris;  
*La Psicanalista*, Roma; *La Psychanalyse*, Atenas; *Mental*, Paris-Bruxelas;  
*Opção Lacaniana*, São Paulo; *Quero*, Bruxelas

**FUNDADORES:** Antonio Benetti, Angelina Harari, Bernardino Horne, Luiz Henrique Vidigal

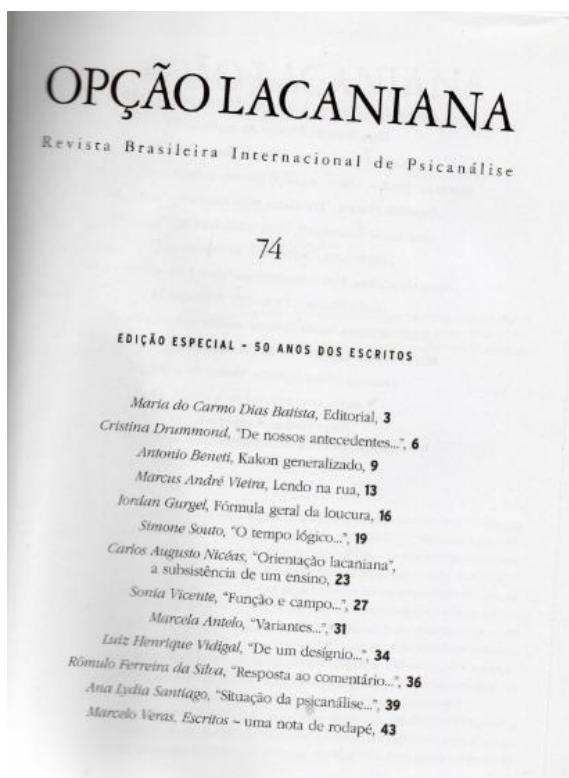
**DIRETOR:** Jacques-Alain Miller

**EDITORA:** Angelina Harari  
**COORDENAÇÃO:** Teresinha N. Meirelles do Prado

**COLABORAÇÕES:** Heloisa Caldas (*Tradução*), Marcus André Vieira (*Clássicos*),  
Teresinha N. Meirelles do Prado (*Distribuição e Revisão Técnica*)

**DIAGRAMAÇÃO:** Angela Mendes  
**IMAGEM DA CAPA:** Primeira edição de *Écrits*

Os colegas que desejarem receber *Opção Lacaniana*  
por correio ou desejarem difundi-la, podem dirigir-se à  
Redação pelo e-mail [oplacaniana@gmail.com](mailto:oplacaniana@gmail.com).



*Elisa Alvarenga*, "...Questão preliminar...", **47**

*Bernardino Horne*, "A direção do tratamento...", **50**

*Ram Mandil*, Desejo do analista, **53**

*Celso Rennó Lima*, O lugar do analista, **57**

*Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros*, Desejo e satisfação, **59**

*Angelina Harari*, "Diretrizes para um congresso...", **62**

*Ana Lúcia Lutembach*, Uma verdadeira mulher..., **64**

*Sérgio Laia*, "Subversão do sujeito...", **68**

*Nora Gonçalves*, Um comentário sobre o jato urinário..., **72**

*Stella Jimenez*, Demanda e desejo, **74**

*Jésus Santiago*, Certo final de análise nos *Écrits*, **77**

*Maria Cecília Galletti Ferretti*, "A ciência e a verdade", **81**

*Francisco Paes Barreto*, Modos de gozo, **84**

*Sandra Grastein*, Sobre a magia, **86**

*Jorge Forbes*, A interpretação  
descompleta - um comentário de Lacan, **89**

\* Publicado como Vieira, M. A. "Lendo na rua", *Opção lacaniana*, 74, São Paulo, EBP, nov. 2016, pp. 13-15. Este texto foi redigido no contexto da publicação de uma série de textos dos psicanalistas da EBP com base nos *Écrits* de Jacques Lacan, por ocasião dos cinquenta anos de sua publicação. Este texto

---

retoma alguns elementos da entrevista “Sobre os Escritos” publicada em Derivas- revista da EBP-MG, outubro, 2016 (<http://revistaderivasanaliticas.com.br/>).

<sup>1</sup> Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro JZE, 1998, p. 152.

<sup>2</sup> LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão a partir de Freud, In : *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 493.

<sup>3</sup> cf. Attié, J. *Le dit et l'Écrit*, Paris, Michèle, 2015.

<sup>4</sup> Fechei-me no quarto. Pela janela aberta entrava um cheiro de mato misantropo. Debrucei-me. Noite sem lua, concha sem pérola. [Só vento] e silhuetas de árvores. E um vaga-lume lanterneiro, que riscou um psiu de luz. Guimarães R. J. *Tutaméia: terceiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (1967)2001, p. 211. Cf. tb. Didi-Huberman, G. *Sobrevivência dos vaga-lumes*, Belo Horizonte, UFMG, 2011.